

Apresentação Dossiê Arqueologia e os Estudos do Lixo

Rafael de Abreu e Souza*
Camilla Agostini**

SOUZA, R. A.; AGOSTINI, C. Apresentação Dossiê Arqueologia e os Estudos do Lixo.
R. Museu Arq. Etn. 40: 1-3, 2023.

Apresentação

O volume temático Arqueologia e os Estudos do Lixo traz para a cena o que poderíamos chamar de lixoologia, aportuguesando o neologismo em inglês garbology/garbologia. O lixo, quando definido como restos, coisas descartadas, abandonadas, geralmente, com conteúdos que estão ligados ao cotidiano, é um vestígio precioso para a arqueologia. Encontrar um bolsão de lixo em contexto estratigráfico preservado é um dos melhores achados cuja pesquisa arqueológica pode oferecer para quem está escavando um sítio. Com a expansão de uma arqueologia mais preocupada com a genealogia de problemas socioambientais que assolam a vida em todo planeta, o interesse arqueológico pelo lixo tem ressurgido e com ele novos olhares para os clássicos de William Rathje e o uso da arqueologia em políticas públicas, assim como tem sido cada vez mais comum a referência aos autores cujas diferentes perspectivas teórico-metodológicas unem-se

no que vem sendo chamado de arqueologia do passado contemporâneo, do passado recente ou do presente.

Assim, o lixo e a própria cultura material estão intimamente relacionados com a Arqueologia e seus interesses de pesquisa, de olhar para o mundo e pensar sobre a experiência humana nos contextos sociais a partir das coisas deixadas para trás. No entanto, uma arqueologia cada vez mais incomodada com a alienação e pouca organicidade do pesquisador tem se mostrado cada vez mais perplexa com o que acontece à nossa volta, perante um mundo que sofre com os efeitos nefastos da modernidade. Para usar a máxima Yanomami, realidade que a modernidade tem “comido”. Logo, a relação entre arqueologia, lixo, descarte de resíduos sólidos, poluição, destruição, racismo ambiental e crise ecológica tem crescido de forma considerável. A América-Latina tem tido um importante papel nesse caminho.

A edição de *Historical Archaeology and Environment*, organizada por Marcos André Torres de Souza e Diogo Costa, em 2018, é uma edição recente que aborda o tema do impacto ambiental a partir da contribuição da arqueologia histórica, sendo o primeiro volume temático desse tipo. Andrés Zarankin tem contribuído com trabalhos sobre o ambiente antártico e os impactos do capitalismo na ecologia e paisagem local desde 1999. É importante marcar que essas referências carregam contribuições a partir do sul-geopolítico latino-americano e encabeçam discussões com a comunidade

* Arqueólogo, mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP), doutor em Ambiente e Sociedade pela Universidade de Campinas, doutor em Arqueologia (USP), especialista em Gestão Ambiental (SENAC).
E-mail: rafaelabreusouza@gmail.com

** Professora adjunto do Departamento de Arqueologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenadora do Núcleo de Estudos de Cultura Material/UERJ, Coordenadora do Instituto de Memória e Ação Social (IMAS), Integra coordenação do GTÁFRICAS da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB).
E-mail: camilla.rio.br@gmail.com

arqueológica mundial em torno do impacto que o eurocentrismo, a industrialização e o capitalismo tiveram na ecologia humana e nas políticas ambientais relativas ao Sul – haja vista recentes casos de *containers* de lixo europeu desembarcando em praias africanas e sul-americanas.

Com esse movimento, tem crescido a institucionalização de campos interdisciplinares, por exemplo, os estudos de cultura material e os estudos sobre meio ambiente. A arqueologia é, por definição, uma disciplina de caráter interdisciplinar. Alguns dizem que isso configura um caráter de dependência a outras disciplinas, outros veem nisso uma de suas maiores virtudes. A proposta deste volume é levar esse objeto tão íntimo à arqueologia – o lixo – para um campo em que diferentes disciplinas se encontram e, dessa forma, pensar e discutir acerca do lixo. Aqui, os estudos do lixo – lixologia ou garbologia – dialogam com a geofísica, as dinâmicas de processamento de materiais, a antropologia, a história, os estudos de paisagem, a educação e, é claro, a arqueologia.

As dinâmicas relacionadas ao lixo e aos resíduos sólidos pedem, atualmente, reflexões direcionadas, trazendo diferentes especialidades para tratar da questão. As contribuições neste volume abordam temporalidades de passados recentes ou do contemporâneo, tendo o lixo como eixo central, em diálogo com os estudos de cultura material. O volume também enfatiza contextos brasileiros. A contribuição do arqueólogo boliviano Juan Vilanueva Crialles ajuda a marcar um olhar sobre a materialidade do lixo a partir do sul geopolítico latino-americano.

Estão reunidos aqui temas relativos às práticas sociais, questões ligadas aos processos de formação de refugos e de sítios arqueológicos, consumo e consumismo, a transformação das paisagens e grupos sociais que dependem do lixo, assim como a atuação da universidade como agente transformador na/da sociedade. Também há uma diversidade de ambientes sobre os quais os artigos se dedicam. É o caso dos rios: daqueles que definem a história de uma cidade, daqueles em que

pescadores exercem suas práticas e, também, dos que estão assoreados, cujo lixo se acumula em “praias” temporárias. Também os ambientes peculiares dos aterros sanitários, além da dinâmica dos resíduos em contextos urbanos que mobilizam economias informais.

Daniele Cordeiro Mota vai chamar a atenção para *Os trabalhos dos catadores*, nos lembrando que materiais recicláveis não são lixo, mas matéria prima. O trabalho apresenta como a própria noção de lixo não é universal e como categorias predeterminadas tornam a discussão estanque, em especial, aquelas sobre lixo e material reciclável em interseccionalidades com as ideias de raça e gênero. Lucas Antônio Silva compartilha com Daniele Mota um olhar crítico acerca de coisas que não são necessariamente entendidas como lixo. Em *Joga fora no rio*, por meio de uma etnografia arqueológica, os autores observam práticas de descarte de resíduos por pescadores – no caso, restos dos próprios peixes.

Juan Vilanueva Crialles, em seu texto *El largo funeral del río*, debruça-se sobre a dinâmica do descarte de lixo no principal rio da cidade de La Paz, na Bolívia, compreendido historicamente, na longa duração, como o filme do seu funeral. Nesse aspecto, o autor envereda pelas discussões ambientais em suas consequências negativas, sobretudo, para a vida urbana.

A relação do lixo e as cidades pode ser pensada por diferentes perspectivas e algumas estão exemplificadas na coletânea de artigos deste volume. Dos lugares sociais que eles mobilizam, como no trabalho sobre os catadores de Daniele Mota, ou na sua própria configuração material. Marcia Hatae mostra de que forma a contribuição da geofísica é a chave para o estudo de aterros sanitários a partir da perspectiva arqueológica. Hatae, em *Aplicação da geofísica em estudos de arqueologia do lixo*, discute um contexto clássico dos estudos de lixo em contextos arqueológicos: o aterro, refinando metodologias para a coleta de dados de uma complexa estrutura formada por toneladas de resíduos provenientes majoritariamente de áreas urbanas. O trabalho também supre certa deficiência da arqueologia brasileira em

produzir trabalhos que orientem abordagens metodológicas e técnicas para coletar e processar dados. Seu trabalho vai ao encontro da contribuição de Reykel Diniz de Araújo em *A vida de uma Praia-lixão em São João del Rei*, que se dedica a pensar em processos formativos a partir do lixo desordenado que é jogado em um rio assoreado. Seu artigo, fruto de uma atividade pedagógica, demonstra o quanto esses vestígios podem contribuir com processos educativos nas mais diferentes temáticas.

Esperamos, com esse volume, fomentar campos de estudos cujas disciplinas se encontram para pensar questões comuns, abordadas a partir de diferentes perspectivas. Eixos transversais como este permitem a aproximação da arqueologia e dos estudos de cultura material com áreas que têm discutido

o problema ambiental sob óticas distintas, como a sociologia e a ecologia. Também possibilita começar a instigar a comunidade arqueológica em direção a uma arqueologia que abre portas e cria possibilidades de se impor de maneira relevante no mundo e nas questões prementes de nossas vidas.

Este diálogo proporciona uma riqueza para a ciência tão potente quanto a inclusão de saberes tradicionais nos espaços universitários. Ter problemas como definidores de nossas ações permite que todos dividam a mesa, com saberes, fazeres e lugares nas tomadas de decisão. Por outro lado, as contribuições aqui se voltam para os estudos do lixo em uma conjuntura de calamidade ambiental no planeta. Não poderia ser mais apropriado a arqueologia abrir seus espaços para esse diálogo.